



**XVIII ENANPUR**  
NATAL 2019  
27 a 31 maio

## **Interseções experimentais: a contação, o lugar e as interações sociais**

### **Autores:**

Ana Rubia Ferraz - MDU - UFPE - [anarubiaferraz@gmail.com](mailto:anarubiaferraz@gmail.com)

Lígia Dias - MDU - UFPE - [ligia.diass@gmail.com](mailto:ligia.diass@gmail.com)

Maria Eduarda Queiroz - MDU - UFPE - [eduardaaqueiroz@gmail.com](mailto:eduardaaqueiroz@gmail.com)

### **Resumo:**

Este artigo busca experimentar um tipo de abordagem para analisar a comunidade do Bode, no bairro do Pina, Recife-PE. A partir de uma síntese teórica sobre os lugares na cidade e as interações sociais, lança-se um olhar sobre as mudanças e permanências da área, no qual o relato da moradora Maria da Penha Gonçalves Lima é o responsável por estruturar e conduzir o trabalho. Dessa maneira, foram identificadas algumas categorias de lugar relacionadas a tipos de interação social, são elas: o lugar-maré e a sociabilidade dos banhos; o lugar-mocambo e as interações de conflito; e os lugares-comunitários e a sociação dos movimentos de resistência. Portanto, foi possível reconstruir, através do olhar de Penha, uma trajetória da evolução urbana da comunidade e mostrar como as mudanças nas tipologias construtivas, forma urbana e infraestrutura foram acompanhadas por processos simbólicos. Por fim, espera-se que o cruzamento dos conceitos teóricos com as vivências dos sujeitos explorados neste trabalho contribua com outras análises socioespaciais.

# **INTERSEÇÕES EXPERIMENTAIS**

## **A contação, o lugar e as interações sociais**

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho objetiva fazer reflexões sobre a comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina, na zona sul do Recife, através de duas abordagens principais: o lugar na cidade e suas interações sociais. Para isso, é utilizado o relato como fonte principal e estruturante, de maneira a fazer protagonistas a história e a percepção de moradores sobre os próprios lugares onde vivem.

No caso deste artigo-relato, a história do bairro se entrecruza com a história de Maria da Penha Gonçalves Lima. Moradora do Bode desde que nasceu, Penha vivenciou, sentiu e participou de muitas das transformações pelas quais o bairro do Pina passou e segue passando, como a mudança dos mocambos para as casas de alvenaria, no decorrer do século XX, os projetos de infraestrutura urbana e a mudanças de uso de alguns equipamentos do bairro.

Através dos relatos de Penha, são jogadas à luz questões sobre mudanças da forma e tipologia urbanas da área, espaços públicos e privados, meio ambiente e gestão urbana. Assim, para abordar essas questões, primeiramente, o artigo traz uma síntese teórica sobre os olhares que serão utilizados na análise da comunidade - o lugar na cidade e a interação social. Após essa parte introdutória, segue a exploração da fonte oral dos relatos produzidos por Penha, relacionados às teorias adotadas. Esse cruzamento entre relatos e teorias originou na estruturação da análise três “lugares-tipo” representativos da comunidade: lugar-maré, lugar-mocambo e lugar-comunitário. Associadas a esses lugares, também foram identificadas interações sociais, respectivamente: sociabilidade dos banhos, interações de conflito e sociação dos movimentos de resistência.

Por fim, entende-se que esta investigação nos conduziu a uma apreensão das diferentes perspectivas materiais e subjetivas sobre a produção do espaço e das interseções que existem entre percepção, simbologias e concretudes.

### **CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

#### **O lugar na cidade**

Segundo o filósofo alemão Martin Heidegger (2001), o lugar é onde o sujeito pode verdadeiramente habitar. Dessa maneira, como uma categoria de abordagem do espaço, o lugar contribui para a constituição do Ser e, no caso deste artigo, é possível apontar áreas no Bode responsáveis pela construção da identidade de Penha, como mostra o seu discurso.

Outros teóricos também podem auxiliar na composição da compreensão do sentido de lugar na cidade, como o historiador Michel de Certeau (2012) e o antropólogo Pierre Sansot (2004). Através dos seus campos distintos, esses autores caracterizam um espaço que pode ser chamado de lugar, sempre centrado na relação e vivência do sujeito. Por exemplo, para de Certeau, o lugar implica uma relação de coexistência: as coisas habitam o lugar, e “aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar” (p. 201). O autor relaciona o conceito de lugar ao de espaço, ao defini-lo como um lugar praticado pelos seus usuários, a partir da sua geometricidade. Ainda segundo Michel de Certeau, os relatos do usuário “efetua um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaço ou espaços em lugares” (p. 203). Assim, identificar os lugares na comunidade do Bode, através dos relatos de Penha, mostra-se um caminho coerente.

Assim como a perspectiva trazida por de Certeau sobre os lugares na cidade, Pierre Sansot explora a relação entre os elementos que o habitam e as suas coexistências. Contudo, o antropólogo traz uma contribuição maior sobre a importância do discurso do usuário para desvendar esses lugares, visto que se propõe a analisar os significados das palavras ditas, pois “essas palavras, quando foram ditas, não surgiram ao acaso. Elas são, de alguma forma, parte desses lugares” (p. 21).

Ao trazer essa discussão para o campo da arquitetura e do urbanismo, é possível sintetizar a relação entre o lugar e seus aspectos materiais, através de uma definição trazida pelo arquiteto Christian Norberg-Schulz:

Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou atmosfera. Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo total, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta. (apud NESBITT, 2006, p. 445)

Com base nesses aspectos, ressaltamos a relevância dos relatos qualitativos trazidos por Penha, uma vez postos em relação com as demais dimensões, para expressar a existência dos lugares no Bode. Além disso, é importante ressaltar a capacidade do lugar despertar afetos, sejam eles positivos ou negativos.

## As interações sociais

Da mesma forma como a categoria lugar pode ser usada para abordar o espaço, as interações sociais que acontecem no cotidiano urbano são de extrema importância para apreender a relação entre os sujeitos e o espaço da cidade. Desta forma, a partir do discurso de Penha, podem-se identificar relações entre as mudanças e permanências espaciais e das interações sociais no Bode.

Neste artigo, para caracterizar a categoria interação social, será tomada como ponto de partida, a sociologia formal de Simmel (2006). Para o autor, a sociedade é essencialmente interação entre indivíduos e é através dela que a dimensão mental (interior) torna-se social (exterior). Pode-se considerar, então, a interação como elemento mediador, entre interior-exterior, que possibilita a formação da sociedade. Não existe, no entanto, uma ordem ou classificação das dimensões mental e social. A oposição é feita para que se possam analisar esses elementos, que coexistem e se influenciam de forma recíproca, sendo a formação do indivíduo e da sociedade um processo dialético, onde a construção da identidade individual se dá através da socialização.

Arendt (2017) também explicita o papel das interações na construção das identidades, ao explicar a atividade humana da ação. Para a autora, a condição humana supõe três atividades essenciais: o trabalho (relacionado a questões de necessidade e sobrevivência); a obra (correspondente aos objetos artificiais criados pelo ser humano); a ação (fundamental para a existência humana e ligada à comunicação e ação política). Esta última, segundo a autora, evidencia a pluralidade dos indivíduos, que se formam através da comunicação com os outros, ou seja, no processo de socialização, já que “os homens no plural, isto é, os homens na medida em que vivem, se movem e agem neste mundo, só podem experimentar a significação porque podem falar uns com os outros e se fazer entender aos outros e a si mesmos” (ARENDR, 2017, p.05).

Ao falar da pluralidade de seres únicos, Arendt (2017) também explicita a oposição entre indivíduo e sociedade, criando um contraste para mostrar que os indivíduos se formam através da ação (que pode ser associada à interação) e nesse processo influenciam e são influenciados pela sociedade. Nesse sentido, a sociologia de Georg Simmel e a teoria da ação de Hannah Arendt se complementam. As duas teorias partem de contrastes: entre interior-exterior (Simmel), indivíduo-sociedade (Arendt), que são articulados através de elementos mediadores, sendo a interação usada por Simmel e a ação por Arendt.

Ao decompor o conceito de sociedade para chegar a sua categoria elementar - a interação - Simmel contrasta, além de interior e exterior, outros dois elementos: forma e conteúdo. Ele associa conteúdo aos processos mentais individuais que, no entanto, só passam a existir, de fato, através de uma forma de interação. Mais uma vez, os dois lados da oposição não podem ser separados, apenas existindo mutuamente através da mediação da interação. As interações, portanto, possuem forma e conteúdo. Para Simmel, o interesse da sociologia está em tratar das formas de interação.

O autor denomina *sociação* a forma de interação que se dá entre indivíduos que compartilham conteúdos específicos: interesses políticos, religiosos, de lazer, etc. Ou seja, são formas de interação que agregam indivíduos a partir de conteúdos em comum:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses sensoriais, ideias momentâneas, duradouras [...] se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses

interesses [...] formam a base da sociedade humana. (SIMMEL, 2006 [1917], p.60-61)

Quando a *sociação* atinge uma autonomia dos conteúdos e os indivíduos interagem pelo prazer ou valor atribuído à forma de interação ela passa a ser *sociabilidade*. Assim, a *sociabilidade* seria o valor simbólico atribuído às interações, extraído pelos indivíduos das percepções geradas a partir delas.

Outra forma de interação, para Simmel, seria o *conflito*. Para o autor, o *conflito* apenas pode existir se houver jogos de interesse na interação e, neste sentido, ele se aproxima da *sociação*. No entanto, no *conflito*, é a partir da diferença que se chega a um fim comum: “conflito é, portanto, destinado a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio.” (SIMMEL, 2018, p. 568).

A exposição das três formas de interação, apresentadas até aqui, não encerram suas inúmeras possibilidades, no entanto, foram as identificadas no discurso de Penha e que estão relacionadas às mudanças e permanências espaciais do Bode. Assim como se pode identificar a interação como elemento mediador entre indivíduo e sociedade, em Simmel (2006) e Arendt (2017), o espaço urbano do Bode também pode ser considerado como forma de mediação entre os sujeitos, através da categoria de lugar, onde a dimensão individual se torna social através da expressão da existência de lugares no bairro.

Após essa síntese sobre o entendimento do lugar na cidade e interação como essência da sociedade, segue-se agora para uma análise da fala de nossa interlocutora, Penha, a fim de relacionar as mudanças e permanências dos lugares e formas de interação, identificados na comunidade do Bode ao longo do recorte temporal por ela apresentado.

## LUGARES E INTERAÇÕES SOCIAIS NO BODE

A zona sul da cidade do Recife, onde está localizado o Pina - bairro que guarda os relatos aqui dispostos - iniciou um processo de ocupação mais expressivo a partir da segunda década do século XX (Figura 01), quando os acessos a essa parte da cidade foram sendo construídos e consolidados (GOMES, 2007). A zona sul é fortemente ancorada pelas praias, cuja atratividade influenciou e direcionou os investimentos públicos e privados nessa região. Mas ali também é lugar de rios e de mangue, estes últimos menos atraentes às classes abastadas, sendo relegados aos que não tinham escolha (ALVES, 2009).

A formação da população das comunidades pobres do bairro do Pina foi resultado de processos de deslocamentos, uns mais compulsórios que outros: obras de intervenção urbana, políticas como a Liga Social Contra o Mocambo<sup>1</sup> e movimentos migratórios entre zona rural/zona urbana e cidades do interior/capital. Os dois primeiros processos se

---

<sup>1</sup> A partir da década de 1930, a população de baixa renda passou por um processo de expulsão intensiva das áreas centrais da cidade devido a ações do governo incluídas na chamada de Liga Social Contra o Mocambo, mais tarde redesenhada como Serviço Social Contra o Mocambo.

relacionam diretamente com a expulsão de populações pobres das áreas centrais do Recife, liberando áreas interessantes do ponto de vista do mercado imobiliário.

Em meados do século XX, áreas da zona sul já se estabeleciam como lugar de primeira moradia das elites na porção litorânea e, paralelamente, outro tipo de população se assentava nos alagados manguezais. Uma das comunidades que se formou se chama Bode (inserida no atual bairro do Pina) àquela época composta especialmente por pescadores, operários, lavadeiras, entre outras ocupações próprias de pessoas muito pobres (ARAÚJO, 2007).

Figura 1 - Comunidade do Bode, região do atual bairro do Pina, década de 1950



Fonte: CODEPE/FIDEM

A partir dos anos 1970, as áreas valorizadas da zona sul passam por um estouro do mercado imobiliário, com intensa verticalização dos empreendimentos (ALVES, 2009). Concomitantemente, acontece uma ampliação da demanda por moradia para as classes mais baixas no Recife, principalmente pelo aumento dos fluxos migratórios em direção à cidade. As expectativas de renda que uma centralidade efervescente, como a da zona sul oferecia, fizeram com que muitas pessoas fossem atraídas para suas proximidades. Nesse contexto, os territórios do Pina começaram a se expandir em novos aterros e sobre a maré a fim de comportar o contingente de novos moradores.

Nas décadas seguintes, as comunidades do Pina passaram por movimentações fortes, impulsionadas sobretudo pela população organizada em processos de reivindicação e resistência. Não só intervenções infra estruturais foram concretizadas, como também alguns territórios tiveram a permanência de suas populações institucionalizada através do



instrumento da ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Especial<sup>2</sup>), sendo o Bode abarcado pela ZEIS Pina/Encanta Moça até a atualidade.

Penha<sup>3</sup>, nossa principal interlocutora, começa a viver no Bode na década de 1960, quando nasceu. Foi sempre moradora da Rua do Caju, atual Rua Eurico Vitrúvio, de maneira que as transmutações pelas quais o bairro passou estão naturalmente presentes em seu exercício de rememoração. Segue-se agora para uma análise de suas falas, a fim de relacionar as mudanças e permanências dos lugares e formas de interação identificados na comunidade do Bode, ao longo do recorte temporal por ela apresentado.

## O lugar-maré e a sociabilidade dos banhos

A relação com os espaços livres e as águas se colocava de forma particularmente heterogênea no Bode, pois, se por um lado aqueles eram os lugares do lazer, dos banhos e muitas vezes do sustento, por outro, a quase ausência completa de estruturas urbanas básicas, como esgotamento e drenagem, impactavam a população com enchentes e acúmulo de dejetos. Inevitável as áreas da comunidade e redondezas não serem sinônimos de miséria e terem sua ambiência estigmatizada.

No decorrer da fala de Penha sobre as suas vivências na infância na comunidade, uma fala chama atenção por sua carga simbólica, não apenas para nossa interlocutora, mas também para toda uma população ribeirinha de baixa renda na cidade do Recife: tomar banho de “maré”.

Penha nos conta sobre a existência de uma nascente de rio nas proximidades do atual supermercado Walmart, na av. Domingos Ferreira. Esse riacho se estendia até a rua do Caju, atual rua Eurico Vitrúvio – local onde Penha mora – e seguia até a rua São Luís, onde havia um cano subterrâneo responsável por desaguar a corrente no Rio Capibaribe (Figura 2). Como na época da sua infância as ruas não eram asfaltadas, quando a maré enchia, grande parte do Bode ficava alagada. Segundo Penha, “tinha peixe, siri, guaiamum”(LIMA, 2018).

---

<sup>2</sup> As ZEIS são mecanismos de regulação do uso e ocupação do solo de áreas destinadas a populações em vulnerabilidade urbanística, onde os parâmetros urbanísticos, com restrições em relação a lote máximo e remembramentos, inibem a atuação mais vigorosa do mercado imobiliário formal. No Recife foram criadas pela Lei de Uso e Ocupação do Solo nº 14.511 de 1983.

<sup>3</sup> Entrevista concedida em a Ana Rúbia Ferraz Mendes, Lígia Dias e Maria Eduarda Queiroz, em 15 outubro de 2018.

Figura 2 - Trajeto do riacho descrito por Penha



Fonte: produzido pelas autoras, a partir de base do GoogleMaps.

Apesar das queixas sobre a ausência de infraestrutura de saneamento urbano básico e o prejuízo trazido pelas casas alagadas, a fala da entrevistada é carregada por um sentimento de saudade, essa é uma memória agradável, como se pode perceber no seguinte trecho:

Eu era criança e me lembro, minha avó dava aquele cochilo à tarde e eu ia tomar banho na rua, na frente da minha casa, na água da maré, que é o rio Capibaribe, mas a gente tem o hábito de chamar de maré. Eu ia tomar banho e ficava brincando. (LIMA, 2018)

Dessa forma, é possível anunciar o espaço alagado como um lugar, de acordo com as características de âmbito qualitativo e constitutivo do sujeito. Afinal, com uma frequência de três vezes ao ano, essa experiência proporcionada pelo lugar marcou a infância de Penha, pois é uma das primeiras histórias sobre os usos e transformações da região presente no seu discurso.



Quando a maré baixava, Penha nos conta sobre o lamaçal que ficava a área. O problema era “resolvido” por um vereador, responsável por trazer caminhões cheios de areia da praia para colocar nas ruas e cobrir a lama:

Quando a maré baixava ficava só lama, ficava um lamaçal imenso. Aí tinha um vereador, acho que era vereador ou deputado, eu não me lembro, por que eu era muito pequena. Ele ia na praia e trazia caminhões e caminhões de areia e cobria todo lamaçal aqui, da rua do Caju. Todo ano era essa história. Era duas/ três vezes ao ano que acontecia isso. (LIMA, 2018)

Através dos relatos de Penha, são identificados lugares presentes e simbólicos para muitas comunidades da cidade do Recife. Essa afirmação pode ser demonstrada em produções literárias e musicais sobre a cidade, como a música “Quando a maré encher”, da banda Nação Zumbi (2000), e o poema “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto (1950). As duas produções se debruçam sobre esses aspectos característicos do cotidiano dos bairros ribeirinhos de baixa renda do Recife, como podemos ver nos seguintes trechos da canção de Nação Zumbi:

Quando a maré encher, quando a maré encher  
Tomar banho de canal quando a maré encher  
É pedra que apoia tábua e madeira que apoia telha  
Saco plástico, prego, papelão  
Amarra corda, cava buraco  
Barraco  
Moradia popular em propagação  
Cachorro, gato, galinha, bicho de pé  
E a população real convive em harmonia normal  
Faz parte do dia a dia (TRUMMER, 2000)

E do poema de João Cabral de Melo Neto:

Entre a paisagem  
o rio fluía  
como uma espada de líquido espesso.  
Como um cão  
humilde e espesso.  
Entre a paisagem  
(fluía)  
de homens plantados na lama;  
de casas de lama  
plantadas em ilhas  
coaguladas na lama;  
paisagem de anfíbios  
de lama e lama.  
Como o rio

aqueles homens  
são como cães sem plumas  
(um cão sem plumas  
é mais  
que um cão saqueado;  
é mais  
que um cão assassinado. (MELO, NETO, 1999)

Esses trechos registram como o banho de maré exerce uma forte influência na existência dos moradores dessas comunidades, pois “a poesia é capaz de concretizar as totalidades que escapam à ciência” (NORBERG-SCHULZ, 2006, p. 445), ela desvenda as coisas. Dessa maneira, o **lugar-maré** corroborou para suas formações como sujeitos moradores do Bode.

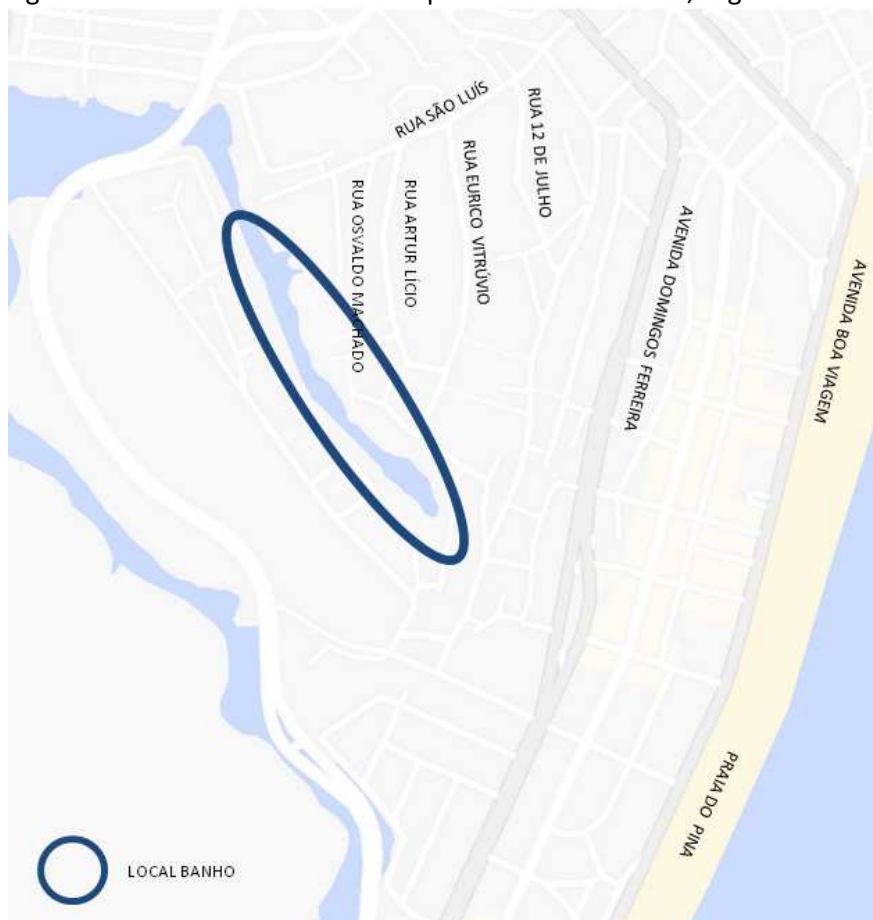
O lugar, representado no discurso da moradora pelas cheias da maré, estabelecia uma forma de interação entre as crianças do bairro, por volta da década de 1970: a **sociabilidade dos banhos**. O que importava para os sujeitos, nessas interações, não era o conteúdo ou os objetivos a serem alcançados a partir delas, mas sim o momento lúdico de encontro no lugar formado pela maré.

O valor simbólico, atribuído pelos sujeitos ao lugar-maré, era refletido nas relações ali travadas (e vice-versa), configurando uma interação de sociabilidade - definida por Simmel (2006, p. 65) como “a forma lúdica de socição”. A relação paradoxal dos moradores com as águas pode ser explicitada pela percepção dos alagamentos como um lugar e por esse momento de sociabilidade, quando a realidade da falta de infraestrutura e precariedade do bairro era suspensa para dar lugar à relação simbólica entre sujeitos e espaço urbano. Simmel ressalta essa característica da sociabilidade, ao compará-la ao fazer artístico:

Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas de totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o ‘impulso de sociabilidade’, em sua pura efetividade, se desvincilha das realidades da vida social e do mero processo de socição como valor de felicidade, e constitui o que chamamos de ‘sociabilidade’ [Geselligkeit] em sentido rigoroso” (SIMMEL, 2006, p. 64)

Podemos apontar a permanência da sociabilidade dos banhos, no relato da moradora, até a década de 1990. Segunda Penha, o seu filho Sebastião Rodrigo, atualmente com 33 anos, tomava banho no riacho atrás da Rua Eurico Vitruvius (Figura 03) durante sua infância, junto com os colegas do bairro. Nos relatos sobre a infância de Rodrigo, também ficam explícitas outras formas de sociabilidade: o futebol na rua, os jogos de pipa, dominó, entre outras brincadeiras.

Figura 03 – Riacho onde o filho de penha tomava banho, segundo seu relato.



Fonte: produzido pelas autoras, a partir de base do GoogleMaps.

Porque na época não tinha essa história de internet, TV por assinatura, ou a criança estava dentro de casa presa, como muitas faziam, aqui isolada, ou ir para rua brincar. Rodrigo ficava no trecho aqui na frente de casa com os amigos e um primo [...] então empinava papagaio, jogava bola e ia para esse riachinho, que ainda existia algum resíduo dele do outro lado da rua, atrás da casa, pescar peixe beta. (LIMA, 2018)

Desta forma, percebe-se que a sociabilidade dos banhos está associada ao lugar simbólico da maré, mesmo que a localização geográfica dos banhos não tenha sido exatamente a mesma ao longo do tempo. Na infância de Penha, o banho acontecia nos trechos alagáveis do bairro, enquanto na de seu filho, o próprio riacho era o local dessa sociabilidade entre as crianças.

## O lugar-mocambo e as interações de conflito

Outro espaço citado tanto na poesia de João Cabral de Melo Neto e na música de Nação Zumbi aqui trazidas, como na fala de Penha, são os mocambos. Eram estes a principal

tipologia habitacional das classes baixas e focos de grande esforço de desqualificação e erradicação. Com origem nos modos de morar resistentes dos povos de origem africana, o mocambo passou de solução exemplar de adaptação ao ambiente para problema de saúde pública no contexto urbano (LIRA, 1994). Não é de se estranhar a reconstrução simbólica negativa de uma moradia popular com forte caráter contra-colonizador, mas também por esta sofrer com toda a precarização imposta aos pobres urbanos.

Segundo Penha, as primeiras construções feitas no Bode possuíam essa tipologia e eram compostas por vedações de madeira e coberta de palha de coqueiro. Uma característica apontada por ela, como específica do Bode, eram os terrenos grandes: “o interessante, que diferentemente de Brasília Teimosa<sup>4</sup>, onde os terrenos são muito pequenos, aqui temos terrenos grandes” (LIMA, 2018).

Heidegger defendia que o habitar era estar no mundo e isso seria possível por “um ambiente produzido pela mão do homem” (apud NORBERG-SCHULZ, p. 462), o lugar. Contudo, como já foi explicado inicialmente, o lugar envolve questões muito mais profundas que a composição da sua materialidade, entre elas estão o seu processo e as suas delimitações – fronteiras. Fronteira “não é aquilo em que termina uma coisa, mas, como já sabiam os gregos, fronteira é aquilo de onde ela começa a se fazer presente” (p. 469), ou seja, ela é a “corporificação de uma diferença”. Assim, através dos relatos de Penha sobre o morar em mocambos com a sua família durante a infância, pode-se apontar um **lugar-mocambo**, pois a sua representatividade histórica, seu modo específico de interação social e de processo construtivo, testemunham um existencialismo dessa comunidade.

A partir dos anos 1980, o Bode passa por importantes mudanças materiais, uma vez que recebe uma série de intervenções físicas provenientes do Projeto Pina (1986), esta que foi uma experiência de urbanização planejada através de um projeto co-gestionário conquistado por meio da pressão das comunidades pobres do bairro do Pina. As principais demandas giravam em torno de infraestrutura urbana básica (pavimentação, drenagem, esgotamento, equipamentos públicos) e legalização da terra, de maneira que obras significativas foram feitas nas comunidades (LEAL, 1997).

As mudanças territoriais, no parcelamento do solo, na infraestrutura urbana e do sistema construtivo das moradias, no Bode, foram acompanhadas por percepções dos sujeitos sobre o espaço e interações sociais que se relacionam com a evolução urbana do bairro. A partir do discurso de Penha, pode-se associar a essas mudanças espaciais a simbologia do lugar-mocambo e a forma de interação do **conflito**. Foram identificados, no relato da moradora, dois tipos de conflito: o conflito dos moradores entre si e o conflito entre os moradores e o Estado.

O relato de Penha mostra que as mudanças na estrutura física do bairro foram acontecendo de forma simultânea, num processo encadeado. Desse modo, ela identifica nesse processo um conflito entre os moradores da Rua Eurico Vitrúvio e Rua Doze de Julho. Com as construções de alvenaria, os quintais das casas foram aterrados, fazendo com que o riacho que dividia as duas ruas, deixasse de existir:

---

<sup>4</sup> Outra comunidade localizada no bairro do Pina, próxima ao Bode.

[...] é muito interessante que esse riacho, ele divide a Rua 12 de Julho com a Rua Eurico Vitrúvio, né? Ele dividia um trecho da rua, aí quando os moradores começaram a aterrar seus terrenos, né? E o riacho sumiu, foi feita a divisão por muro. Teve conflito de alguns moradores com os moradores da Rua 12 de Julho, mas foram poucos. (LIMA, 2018)

Ainda que a moradora tenha mencionado que os conflitos foram poucos, parte-se, aqui, do pressuposto que ele é intrínseco a qualquer grupo social, exercendo um papel essencial, tanto na formação da identidade individual, quanto de uma sociedade. Assim ressalta Simmel:

O indivíduo não atinge a unidade de sua personalidade exclusivamente por uma harmonização exaustiva, de acordo com as normas da lógica, objetivas, religiosas ou éticas, do conteúdo de sua personalidade. Ao contrário, contradição e o conflito não apenas precedem esta unidade, mas são nele operativos a cada momento de sua existência. Da mesma forma, não existe provavelmente nenhuma unidade social onde as correntes convergentes e divergentes entre os seus membros não estejam inseparavelmente entrelaçadas. (SIMMEL, 2018, p. 570).

Mais evidentes são os conflitos entre moradores do Bode e os governos locais, desencadeados pela implantação de alguns projetos na área. Desde a já citada Liga Social Contra o Mocambo (década de 1930), a população residente do lugar-mocambo sofre os conflitos de uma negação simbólica e a conseqüente condenação, impulsionadas pela esfera estatal. No decorrer do tempo, não foram construídos, de forma significativa, modos de morar que incorporassem substancialmente aspectos do mocambo enquanto moradia digna. Desse modo, quando do Projeto Pina (1986), as famílias já convergem para a resolução da interação conflituosa a partir do apagamento daquele tipo de lugar.

Chegou o asfalto há 33 anos. Eu sei bem a quantidade de tempo em que foi asfaltado porque eu tava grávida do meu filho mais velho, de Rodrigo [...], então a rua foi asfaltada e o interessante que com asfalto da rua veio mudar a estrutura das casas, porque eram todas [...] mocambos.

[...] então com a chegada do asfalto, com a construção da escola, com a chegada da creche, aí as pessoas foram se esforçando e foram aos poucos construindo suas casas de alvenaria, mas aos poucos mesmo, tipo um ano só para fazer a parte da frente e a sala, o restante ficava de madeira, e aos poucos vão se construindo as casas. (LIMA, 2018)

Ainda que sob aspectos positivos da participação deliberativa da comunidade na resolução de seus problemas, a capacidade de solução técnica, administrativa e temporal do Projeto Pina estava aquém das demandas locais. Leal (1997) destaca os obstáculos que a administração pública enfrentava por não conseguir absorver propriamente a co-gestão dentro de seus mecanismos, saturados por modos menos transparentes e permeáveis em

relação à sociedade civil. Desse modo, os conflitos inevitavelmente surgidos passavam por grandes dificuldades de resolução, sobretudo em favor das comunidades.

A autora ressalta, ainda, que “a institucionalização das práticas participativas pode ser um estímulo ao desenvolvimento dos movimentos sociais, mas pode se tornar também um fator de contenção e paralisação.” (LEAL, 1997, p. 171). Nesse ponto, pode-se retomar a ideia de Simmel de que o conflito, como forma de interação proposta a resolver divergências, pode se dar “mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio” (SIMMEL, 2018, p. 568). Nas relações entre a comunidade e os governos locais, percebe-se que muitas das intervenções culminaram na desagregação das organizações comunitárias que reivindicavam melhorias para a infraestrutura da área. Mesmo assim, as formas de interação organizadas em torno desse objetivo em comum - as sociações e movimentos de resistência - tiveram expressão ao longo do tempo no Bode.

## Os lugares-comunitários e a sociação dos movimentos de resistência

A sede da associação de moradores contribui para abrigar atividades importantes para a identidade da comunidade. Segundo Penha, atualmente a associação está desativada. Entretanto, o prédio abriga hoje uma biblioteca comunitária que, além do empréstimo de livros, conta com algumas atividades, como contação de histórias, exibição de filmes e saraus. Além disso, o ensaio do maracatu Nação Porto Rico acontece ocasionalmente nesse espaço. Dessa maneira, esse **lugar-comunitário** representa uma resistência tanto física do edifício, como cultural e promove um espaço onde as pessoas podem habitar, sentirem-se acolhidas, e sedimentar sua existência cultural e comunitária.

É também através desse lugar-comunitário, que a **sociação dos movimentos de resistência** da população acontecem. Além da associação de moradores, Penha cita outros dois lugares onde ela acontece: o convento e a Escola Nossa Senhora da Conceição.

Então dentro desse convento se construiu [...] uma Capelinha e a escola [...] a escola Nossa Senhora da Conceição tem 80 anos de existência, hoje o antigo convento é o Ismep, né? Que é o Instituto Social das Medianeiras da Paz [...] que faz um trabalho social com 200 famílias, um trabalho excelente, por sinal, a capelinha ainda existe e resiste, né? (LIMA, 2018)

Apesar desses dois espaços serem ligados a instituições - igreja católica e governo do estado de Pernambuco - podem ser considerados lugares-comunitários, a partir do papel que desempenham na formação de sociações e existência comunitária.

Atualmente, existe uma Comissão de Resistência da Escola Nossa Senhora da Conceição, formada pela sociedade civil em conjunto com a igreja. A comissão, segundo Penha, participa constantemente de movimentos de resistência ao governo do estado para que a escola se mantenha funcionando, apesar da precariedade da estrutura atual. Além



disso, percebe-se a ligação simbólica com o lugar-comunitário da escola, onde as famílias do bairro estudaram por mais de uma geração, como é o caso da moradora:

A escola hoje é pequenininha, né? Quase acabando, praticamente só tem cinco salas de aula, não tem refeitório [...] dois banheiros só, uma mini cozinha, uma mini secretaria, uma direção [...] eu faço parte da comissão porque eu estudei lá, os meus tios, meu pai [...] (LIMA, 2018)

Outro tipo de espaço que recebe, por excelência, interações de sociação em forma de manifestações de resistência é a rua. Compreende-se a rua enquanto lugar-comunitário ao percebê-la como lugar de encontros e permanências, de mediação entre a esfera pública e a privada e, mais ainda, de construção e compartilhamento de experiências coletivas. As ruas do Bode recebem, frequentemente, manifestações culturais, sobretudo as com forte caráter simbólico.

A comunidade promove uma série de eventos que ocorrem ao longo do ano, em especial as festividades com origem de matriz africana e relacionadas a religiosidades. A isso se relaciona a forte presença de maracatus, de modo que uma das festas mais prestigiadas do Bode é a “Noite do Dendê”, realizada pelo maracatu Nação Porto Rico na Rua Eurico Vitrúvio. Penha a cita em seu relato:

[Na] festa do Dendê, do Maracatu Porto Rico, vem a negritude toda da área de cultura para cá, é muito bom, é uma festa! [...] É uma festa do pessoal de religião de matriz africana, aí tem a parte religiosa e no último dia, que é o último sábado do mês de setembro, é festa profana. Enfim é muito massa, viu? Muito, muito boa mesmo! (LIMA, 2018)

Outro exemplo de manifestação sociocultural que ocorre anualmente é o “Pão e Tinta”, evento cuja temática gira em torno do *graffiti* e agrega música, poesia e intervenções artísticas visuais pelas ruas do bairro do Pina, de modo que aspectos de afirmação identitária são bastante ressaltados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da potência simbólica da oralidade em contar as histórias dos sujeitos e dos espaços, obtida aqui em forma de relatos, buscou-se pesquisar algumas perspectivas possíveis na reconstrução da trajetória de evolução urbana da comunidade do Bode, com especial atenção às expressivas mudanças e permanências ao longo do tempo.

Utilizaram-se as categorias de lugar e interação social com o objetivo de explorar aspectos históricos, materiais e subjetivos, da produção do espaço e de alguns de seus agentes. As intersecções construídas revelam a complexidade dos sujeitos e de suas relações, imersos em contradições e dissensos, os quais, entretanto, não deixam de construir sua existência associada a sua materialidade.

Percebeu-se que as mudanças na da infraestrutura, tipologias construtivas e forma urbana foram acompanhadas por processos simbólicos que resultaram na percepção de lugares e formas de interagir dos sujeitos do bairro. Quando Penha fala da chegada do asfalto e dos aterros feitos, ao longo dos anos, nas áreas alagadas do bairro, ela os relaciona a conflitos entre moradores, mas também evidencia a permanência da sociabilidade dos banhos no lugar-maré, que passa a existir em outro riacho do bairro. Da mesma forma, ao falar dos projetos do governo para melhoria de infraestrutura, ela se remete à permanência do lugar-mocambo e aponta para conflitos entre moradores e estado, mas também para a formação de lugares-comunitários que abrigam sociações de resistência.

Os três lugares, relacionados às três formas de interação social - o lugar-maré e a sociabilidade dos banhos; o lugar-mocambo e o conflito; e o lugar-comunitário e as sociações de resistência - foram identificados e destacados, com base no referencial teórico exposto, a partir da história de Penha. Outros lugares e interações podem ser identificados, no Bode, podendo ser apreendidos a partir da visão de diferentes sujeitos. Finalmente, espera-se que o cruzamento dos conceitos teóricos com as vivências dos sujeitos explorados neste trabalho contribua com outras análises socioespaciais.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Paulo R. M. *Valores do Recife: o valor do solo na evolução da cidade*. Recife: Luci Artes Gráficas Ltda., 2009.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- GOMES, Edvânia Torres Aguiar. *Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought*. New York: Harper Perennial, 2001.
- LEAL, Suely Maria Ribeiro. Práticas co-gerenciais na gestão pública a nível local. *CADERNO CRH*, Salvador, n.26/27, 147-177, 1997.
- LIMA, Maria da Penha Gonçalves. Entrevista concedida a Ana Rúbia Ferraz Mendes, Lígia Dias e Maria Eduarda Queiroz . Recife, 15 out. 2018.
- LIRA, José Tavares Correia de. A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30). *Análise Social* , v.29, n.3, 733-753, 1994.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 105-116, 1999.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *O pensamento de Heidegger sobre arquitetura*. In: NESBITT, K. Uma nova agenda para arquitetura. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2006. p. 461 – 474.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *O fenômeno do lugar*. In: NESBITT, K. Uma nova agenda para arquitetura. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2006. p. 444 – 459.

SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2004.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, G. O conflito como sociação. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, pp. 568-573. ISSN 1676- 8965.

TRUMMER, Fábio et. al. Quando a maré encher. In: ZUMBI, Nação. *Rádio S.Amb.A. Recife: YB Music*, 2000.